

**Nos ratos do “homem do livro”:
Odilon Lunardelli entre mediação cultural,
sociabilidades e memória**

Karla Simone Willemann Schütz

Doutora em História – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis,
Santa Catarina

 <https://orcid.org/0000-0003-0177-078X>
E-mail: karlawschutz@gmail.com

Resumo: O presente artigo buscou investigar elementos presentes nos itinerários do livreiro catarinense Odilon Lunardelli e da livraria e editora por ele administradas entre meados da década de 1960 e a década de 1990 em Santa Catarina. A documentação interrogada é composta pela obra *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (1999)*, somada a outras publicações e indícios, como entrevistas e textos divulgados em *blogs* e na imprensa catarinense. Esse arcabouço documental, por sua vez, foi pensado a partir de dois caminhos metodológicos: no primeiro, Odilon é entendido como um intelectual mediador inserido em redes de sociabilidade e, no segundo, é problematizada a memória acerca de sua trajetória como livreiro e editor que se materializa na obra aqui tomada como fonte. Ao fim, percebe-se que tal memória corrobora a perspectiva que o toma como mediador cultural.

Palavras-chave: Itinerários; Intelectual mediador; Odilon Lunardelli; Santa Catarina; Redes de sociabilidade; Memória.

In the “man of the book” traces: Odilon Lunardelli between cultural mediation, sociability and memory

Abstract: This article sought to investigate elements present in the itineraries of the Santa Catarina bookseller Odilon Lunardelli and in the trajectories of the bookstore and the publishing house managed by him between the mid-1960s and the 1990s in Santa Catarina. The interrogated documentation is composed by the work *Our book man: Odilon Lunardelli (1999)*, added to other publications and evidences, such as interviews and texts published in blogs and in the Santa Catarina press. This set of documents, in turn, was analyzed using two methodological paths: in the first one Odilon is understood as an intellectual mediator linked to sociability networks and, in the second one, the memory of his trajectory as a bookseller and editor that is materialized in the work here taken as a source is questioned. In the end, it is identified that such memory gives support to the perspective that takes him as a cultural mediator.

Keywords: Itineraries; Intellectual mediator; Odilon Lunardelli; Santa Catarina; Sociability network; Memory.

Texto recebido em: 19/01/2021

Texto aprovado em: 20/04/2021

Rua Victor Meirelles, 28, esquina com Nunes Machado. Ali, bem no Centro de Florianópolis, funcionou, durante mais de 40 anos, uma livraria que mudou os rumos da história, da literatura e da educação em Santa Catarina. Naquele casarão, um livreiro e editor chamado Odilon Lunardelli sonhou alto e, com perseverança, teimosia e muitas xícaras de café, colocou na praça mais de três centenas de títulos de autores catarinenses.

Um sonhador, um “sujeito que acredita numa causa, que briga por ela e que não desiste da luta” (BUSS, 1999, p. 11) ou, ainda, “um livreiro singular” (MIGUEL, 1999, p. 67), que “tinha rompantes, amizades e inimizades instantâneas ou duradouras” (MIGUEL, 1999, p. 69). Assim é elogiosamente descrito, por algumas das testemunhas de sua trajetória, o livreiro e editor Odilon Lunardelli. Natural da cidade de Brusque (SC) e formado técnico em Contabilidade em 1957 pela Academia do Comércio de Santa Catarina (Florianópolis), Lunardelli durante anos foi funcionário dos Correios, ocupação que exerceu antes de se lançar à venda e à edição de livros de diversos autores e autoras catarinenses.

Estas reflexões acerca da trajetória de Odilon Lunardelli e da livraria e editora por ele encabeçada afloraram a partir de dois diferentes acontecimentos dados ao longo de minha pesquisa de tese — *Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa* —, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2020. O primeiro episódio foi o encontro com a obra *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*, publicação lançada em 1999, dois anos após seu falecimento, e na qual estão compilados depoimentos de amigos e colegas de Lunardelli. Já o segundo transcorreu logo ao fim da tessitura da tese, mediante a leitura de uma notícia publicada em 4 de janeiro de 2020 no jornal *online* do bairro onde resido. Na curta nota, o nome de Lunardelli aparece ligado a um imóvel que seria demolido bem ao lado do edifício onde moro. Tal casa, antes que eu soubesse a quem tinha pertencido, sempre me despertou interesse, tanto pelas suas grandes dimensões e características quanto pelo seu estado de abandono. No excerto que abre o presente artigo — escrito em 2006 — é possível observar uma aura de nostalgia e perda, uma atmosfera que também é perceptível na pequena nota a seguir. Para quem a escreveu, é como se uma parte da história do bairro estivesse se esfacelando em favor do crescimento imobiliário:

Depois de abrigar a família do livreiro Odilon Lunardelli, já falecido, e durante 16 anos hospedar a Clínica Polimed, a histórica residência da Rua José do Valle Pereira, em Coqueiros, não resistiu ao crescimento da construção civil e foi demolida.

Descobrir que aquela grande residência, que de alguma forma fazia parte do meu cotidiano, pertencia a um personagem que já pairava em meu imaginário de pesquisadora catalizou ainda mais o desejo de investigar alguns elementos presentes nos itinerários do livreiro Odilon e da sua livraria e editora, pois entendo que sua história se confunde com a história da casa que foi demolida e também com a própria história intelectual catarinense.

Somada a todas essas curiosidades — que constantemente perpassam nossos trajetos de pesquisa —, estava a própria dificuldade de encontrar trabalhos que se dedicaram a pensar os circuitos editoriais e literários no período em que Lunardelli esteve atuante (entre as décadas de 1960 e 1990). Essas investigações seriam importantes para situar os locais em que autores e autoras catarinenses podiam divulgar suas criações. Esse era o caso de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, que, como já mencionado, é o historiador cuja trajetória profissional é tema de minha tese. O período que compreende grande parte da trajetória de Corrêa, da editora e da livraria encabeçada por Lunardelli é marcado por grandes transformações na paisagem e na sociedade catarinenses (LOHN, 2016). Nesse momento é criado, por exemplo, o *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina, e uma expansão do ensino superior no estado é vivenciada, tendo como desdobramento o crescimento de um público de consumidores leitores.

Ao longo da procura por informações e pistas sobre a circulação e editoração de livros em Santa Catarina foram encontradas poucas referências. Entre elas, estão um trabalho de conclusão de curso defendido em 1984 no curso de graduação em Jornalismo da UFSC e uma pesquisa de tese ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. Sobre o trabalho de conclusão de curso, defendido por Jossane Ristow na década de 1980, pode-se destacar o levantamento de dados acerca das editoras atuantes em Santa Catarina naquele momento e a capacidade que tinham de produção e distribuição. Com relação à pesquisa de tese empreendida por Nicholas Cardoso Gomes da Silva, com previsão de defesa no ano de 2022, nenhuma publicação foi identificada.

Especificamente do campo da história, foram localizados trabalhos que tratam de períodos anteriores à década de 1960, desenvolvidos no âmbito da graduação da UDESC e da pós-graduação da UFSC pelo autor Felipe Matos. O

pesquisador teve como objeto, tanto de seu trabalho de conclusão de curso (depois editado em forma de livro)¹ quanto de sua dissertação² e de sua tese³, a circulação de livros e escritores na capital catarinense. Em suas pesquisas, Matos dedicou especial atenção à cultura letrada desenvolvida e às sociabilidades intelectuais que se desdobraram a partir desse processo de difusão.

Sendo assim, este artigo se coloca como um desdobramento de minha pesquisa de tese e pretende problematizar os depoimentos de *O nosso homem do livro* (1999) e, ao mesmo tempo, por meio destes relatos memoriais, acompanhar alguns dos caminhos percorridos pela produção e editoração de livros em Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1990. Dentro desse arcabouço de produção literária estão inseridas não somente obras de ficção, mas também de outras áreas do conhecimento, como Educação, História, Geografia, Administração e Jornalismo. Guiada por este recorte, a reflexão a seguir parte da concepção de Lunardelli como um intelectual mediador (GOMES; HANSEN, 2016), inserido em redes de sociabilidade (AGULHON, 1992) que se desdobravam e irradiavam de diversos espaços no estado, mas que se concentravam sobretudo na capital catarinense. Longe de pretender esgotar o tema, o artigo se coloca como uma introdução à pesquisa, como um ponto de partida para alguns caminhos que ainda podem ser percorridos.

Para tanto, a documentação interrogada é composta pela obra acima mencionada, somada a obras salvaguardadas no acervo da Biblioteca Universitária da UFSC e outros indícios, como entrevistas e textos publicados em *blogs* e na imprensa estadual. Nesse sentido, é importante ressaltar que, a partir do livro, são operados dois movimentos (ou olhares) metodológicos que auxiliam a pensar sobre uma história dos livros e dos intelectuais em Santa Catarina. No primeiro desses olhares, Odilon emerge como um mediador inserido em redes de sociabilidade e, no segundo, é pensado com base na memória acerca de sua trajetória como livreiro e editor que se materializa na obra, a qual corrobora a visão que o identifica como um mediador cultural. Assim, a partir das vozes de outros e da sua atuação como livreiro/editor, ele é entendido como um articulador e também como uma “referência” para a construção de um discurso particular sobre o passado assentado na memória.

Entre um cafezinho e outro: redes de sociabilidade e mediação cultural

A Livraria e Editora Lunardelli (tendo a editora sido inaugurada em 1972) existiu efetivamente como “pessoa jurídica” entre os anos de 1965 e 2006, ou seja, sua existência ultrapassou cerca de uma década a existência de seu próprio idealizador⁴. Ao longo dessas quatro décadas, o empreendimento foi testemunha e palco de algumas das diversas metamorfoses vivenciadas no espaço social da cidade de Florianópolis, capital do estado e local onde se concentravam os principais espaços de edição e publicação de impressos (em especial livros) no estado⁵.

Como aponta Lohn (2016), a partir do final da década de 1950 se inaugura um acelerado processo de mudança nas estruturas sociais catarinenses, que foram sentidas na capital do estado, Florianópolis, a partir da transformação na configuração de seus habitantes — com a chegada de moradores vindos de outros lugares do estado e do Brasil —, na formação de uma classe média e num processo de modernização que atingiu sobretudo o planejamento urbano da cidade. Para imaginar a dimensão dessas alterações, no início dos anos 1970 a população da cidade contabilizava em torno de 120 mil habitantes, número que representa um grande crescimento em relação às décadas de 1940 e 1950, quando a população somava entre 46 mil e 52 mil pessoas. Quanto mais a cidade crescia, mais as redes e conexões estabelecidas em seus espaços se complexificavam, um movimento que se desenrolou em ritmo acelerado também ao longo das décadas subsequentes. Nessa conjuntura, é notável também um crescimento que tornou mais multifacetado o mercado de bens culturais da cidade, trazendo consigo novas e diferentes demandas e autores. Em tal contexto se coloca, por exemplo, o estabelecimento e a ampliação dos *campi* universitários da UFSC e da UDESC.

A institucionalização da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), efetuada em 18 de dezembro de 1960⁶, e a transferência do seu *campus*, deliberada em 1962, deram-se através de projetos políticos estaduais que envolviam planos e discursos de modernização para o estado nos mais diversos âmbitos. A formação da UFSC e os debates que tangenciavam a formação de sua “cidade universitária” (SUGAI, 1994) acompanhavam e faziam parte do momento político e intelectual da história social e política catarinense da década 1960 e tiveram especial repercussão na capital do estado.

Pautadas no desenvolvimento econômico, na especulação imobiliária e em novas práticas de consumo, as representações sociais que circulavam em Florianópolis promoveram um acelerado processo de urbanização que transmutou os antigos traços da cidade. Foi ao longo desse percurso que “ganhou destaque a proposta de uma universidade, considerada um dos caminhos possível [sic] para a construção do futuro da cidade.” (LOHN, 2016, p. 242). Lembramos que esse projeto já estava no horizonte de expectativa de políticos e intelectuais catarinenses antes mesmo da década de 1960.

Já em 1965, o Decreto Estadual nº 2.802 de 20 de maio cria a UDESC, então denominada Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Podemos apontar como marcos iniciais de seu estabelecimento a inauguração da então Faculdade de Educação (FAED), criada em 1963, e a Escola Superior de Administração e Gerência (ESAG), fundada em 1964, ambas em Florianópolis⁷. Como já o próprio nome indica, a UDESC também emergia como uma das bandeiras da política desenvolvimentista levada a cabo pelo governo catarinense à época.

Tal como apontado anteriormente, para além do alargamento do público leitor/consumidor, a fundação destas instituições produzia também uma maior produção científica em diversos âmbitos acadêmicos, um conhecimento desejoso de ser divulgado. Havia naquele momento, portanto, uma gama de criações de novos atores que “ansiava” ser tornada pública.

É dentro desse cenário que Odilon Lunardelli pode ser entendido como um *intelectual mediador* e algumas são as questões que balizam este entendimento. Primeiro, há a noção de “que as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença “nas várias sociedades e culturas tem relevância, porém, nem sempre reconhecimento.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9). Em segundo, há a definição de intelectual aqui abraçada, a qual está pautada nos trabalhos do historiador francês Jean-François Sirinelli (2003). Vale, destarte, evidenciar que ela não se apresenta de maneira rígida e restrita — uma constatação não difícil de se obter, bastando lançar um breve olhar sobre as produções de diversos teóricos que buscaram ao longo do tempo, a partir da perspectiva de suas áreas do conhecimento, definir conceitualmente o que seria um “intelectual”⁸.

Apesar de Odilon não apresentar em sua trajetória algo como uma “vocação” científica ou literária, ou seja, embora tendo lançado diversos livros, nunca

produziu nada de sua autoria⁹; sua atuação nos bastidores permitiu que ideias circulassem e tivessem alguma repercussão na arena política e social do estado. Desta forma, numa acepção ampla, ele pode ser compreendido como um intelectual, pois foi um ator estratégico nas áreas da cultura e da política, mesmo que seu reconhecimento tenha sido variável ao longo do tempo (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9). Odilon fomentou redes, articulou autores, promoveu a divulgação de obras — prestigiando, em especial, o contexto de produção catarinense — e, assim, alavancou a difusão de variadas concepções científicas, políticas e culturais.

Como um intelectual mediador, Lunardelli circulava por diversas esferas da sociedade catarinense. Essa observação, por sua vez, leva à definição de outra categoria importante para a problematização da trajetória dele e de sua livraria e editora, a questão da *sociabilidade*. Popularizada no campo historiográfico por meio dos trabalhos de Maurice Agulhon, a sociabilidade atua como uma ferramenta de observação e classificação das trocas sociais cotidianas (AGULHON, 1992, p. 8).

Para o historiador francês, as relações codificadas entre os indivíduos estão presentes também no nível mais informal dos hábitos, no lar, na oficina, no escritório, na rua e no espetáculo. A sociabilidade do cotidiano é extensa e infinitamente variada, sem necessariamente estar organizada. Mas a categoria também permite ver emergir da informalidade uma vida associativa, materializada em grupos políticos e associações, por exemplo. As pessoas não se organizam somente para “fazer alguma coisa”, mas também para gozar a vida em grupo. Essa condição, segundo Agulhon, também permite entrever uma outra dimensão desses movimentos: os deslizamentos ou substituições de finalidade. Como exemplo, pode-se imaginar um grupo de amigos que joga dominó, que frequenta um mesmo café, que compartilha a leitura de determinados periódicos impressos e que, um dia, acaba por formar a base política ou reivindicatória de um movimento (AGULHON, 1992, p. 8-9).

Tendo em mente a fluidez e a informalidade da categoria, observou-se no livro aqui tomado como fonte a circulação de diversos personagens em torno da figura de Odilon. Nesse cenário foi marcante a presença do hábito de “tomar um cafezinho”. Amigos próximos, ou apenas “conhecidos”, todos eram convidados para interlocuções regadas a café no próprio espaço físico da livraria e editora, local fundamental para Lunardelli exercer sua atividade como mediador. Entre um cafezinho e outro, o editor atendia telefonemas e recebia homens e mulheres de diversos campos intelectuais e políticos. A composição multifacetada desse grupo

que frequentava o escritório de Lunardelli é uma característica que emerge quando se olha para as trajetórias daqueles que foram convidados a dar seu depoimento sobre a personalidade e a atuação do editor.

Partindo então do mapeamento dos nomes que integram o livro em sua homenagem, percebeu-se que a composição do grupo aponta para a grande circularidade que tinha o livreiro entre diversos campos da intelectualidade e até mesmo da política catarinense, como evidenciam as fotografias presentes ao fim da publicação e nas quais ele é retratado junto a políticos como os ex-presidentes da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Julio César (Presidente da Assembleia entre 1983-1984) e Epitácio Bittencourt (Presidente da Assembleia entre 1980-1981), e o ex-governador do estado, Esperidião Amin.

Quanto aos testemunhos, foram convidados a depor as seguintes personalidades: Alcides Buss, Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, Claiton Ghiggi, Celestino Sachet, Enéas Athanázio, Cyro Barreto, Flávio José Cardozo, Francisco José Pereira, Hoyêdo de Gouvêa Lins, Jali Meirinho, João Décio Machado Pacheco, Marcos Konder Reis, Paschoal Apóstolo Pítsica, Salim Miguel, Salomão Ribas Jr., Silveira de Souza, Urda Alice Klueger e Walter F. Piazza.

Curiosamente, a “circulação” de Odilon — ao menos nos momentos finais de sua trajetória quando não mais saía pelo estado com seu carro a vender livros — se dava a partir de sua própria “toca”, alcunha de seu escritório. Três dos depoimentos presente no livro fazem referência a essa particularidade:

Tenho a impressão de que dali ele não saía jamais e nem isso seria necessário. Por ali desfilavam, todos os dias figuras sem conta, desde escritores conhecidos, já editados pela Casa, até autores inéditos, sequiosos por uma oportunidade de se verem em letra de fôrma. (...) Naquelas minhas visitas, em geral curtas, conheci muitas pessoas dos meios culturais do Estado e algumas delas se tornaram amigas (ATHANÁSIO, 1999, p. 34).

Não me lembro de jamais tê-lo visto fora daquela saleta sem luxo (CARDOZO, 1999, p. 46).

Odilon de nada (quase) participava, embora atento a tudo, antenado nos fatos. Raramente saía de sua toca, um pequeno escritório, também atulhado de livros. Ali chegava cedo, ia embora pela noite. (MIGUEL, 1999, p. 69).

Essa aparente “imobilidade” de Odilon, “que quase de nada participava”, somada à multiplicidade das trajetórias daqueles que com ele conviviam, leva a supor que o elemento aglutinador, que parecia reunir esses homens em torno dessa

rede, era justamente a possibilidade de ver suas palavras grafadas em papel — como aponta Enéas Athanásio no depoimento logo acima —, e Odilon era o ponto focal no qual todos eles congregavam. Estar em contato com o editor e circular por esse meio podem ser considerados passos importantes na busca pela publicação de uma obra. Entretanto, ao fim e ao cabo, numa relação de negociação, era Odilon quem selecionava o que achava “publicável”; era por meio das mãos desse mediador que os anseios poderiam ser concretizados ou não.

No caso da Editora Lunardelli, em especial, destaca-se que não foram encontrados registros sobre a existência de um comitê editorial; nesse sentido, entende-se que Odilon era de fato o grande responsável pelas escolhas das obras a serem editadas. As evidências, portanto, indicam que Odilon é quem escolhia os autores e assim ia formando a sua rede, muito ligada às universidades instaladas no estado, dois grandes “poços” de produção intelectual. A partir do que foi acima destacado, entende-se que não é possível hierarquizar as posições dentro desse sistema de produção de bens culturais, nesse caso, de produção de livros. O autor não está numa posição superior ao editor, e vice-versa; suas posições no campo se dão relacionalmente, a partir de uma simbiose.

Como um mediador, que divulgava ao público mais amplo o que era produzido pelos mais diversos escritores e escritoras, Odilon podia alavancar a circulação de novas tendências e teorias desenvolvidas em variados campos artísticos e do conhecimento. Simultaneamente, para os autores, ele acompanhava as demandas do público e conhecia aquilo que seria “mais ou menos aceitável e apreciável, em determinado momento e lugar, por amplas parcelas da sociedade.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 31). O depoimento de Celestino Sachet presente no livro aponta para essas ações de mediação:

Mas ele vivia me cobrando:

— Quero editar uma História da Literatura Catarinense que tu vais escrever.

Foi assim que nasceu *A Literatura de Santa Catarina*, 292 páginas, publicada em 1979, com prefácio de Nereu Corrêa e razoável repercussão da crítica.

Pelo final dos anos 80, a edição estava quase esgotada.

— Preciso de uma segunda edição, atualizada, mais completa e mais didática, escrita para alunos de primeiro e segundo graus.

O editor era ao mesmo tempo leitor e crítico. (SACHET, 1999, p. 28).

Essa atuação de Odilon também pode ser visualizada em entrevista realizada com o jornalista Moacir Pereira — que não figura entre os depoentes do livro aqui analisado, mas que teve diversos livros editados por Odilon —, cedida à Agência de Comunicação da UFSC e publicada no *website* da universidade. Nela, Pereira comenta sobre o papel do livreiro em sua trajetória como escritor. Em seu discurso, assim como no depoimento de Sachet, Lunardelli desponta como um impulsionador e como alguém que observou uma demanda que poderia ser suprida pelo trabalho desse jornalista:

Devo minha condição de autor ao saudoso Odilon Lunardelli. Assistiu uma palestra minha sobre 'liberdade de imprensa' e insistiu para que a transformasse em livro. Nasceu 'Comunicação e Liberdade', prefaciado pelo amigo Cesar Valente. Vieram depois obras acadêmicas, livros de pesquisa histórica, biografias diversas, títulos de grandes entrevistas e trabalhos que resultaram de viagens internacionais.

Ainda em relação à “imobilidade” de Odilon, pode-se pensar sobre a localização de seu escritório, algo que permitia a ele, em certo sentido, “não se movimentar”. A livraria e o escritório a ela anexo estavam localizados junto ao “coração” do centro de Florianópolis: a Catedral Metropolitana e a Praça XV de Novembro, região ocupada pela população proveniente da classe média da capital catarinense e que estava muito próxima a diversos edifícios de órgãos públicos. Era também um local onde até a década de 1960 se desenrolava com maior vigor a vida social e cultural da cidade (CORADINI, 1995, p. 87-88). Até mesmo Oswaldo Rodrigues Cabral, célebre historiador da época, no início da década de 1970, afirmava com ar irônico que “o desterrense considera[va] subúrbio tudo o que não fo[sse] imediatamente vizinho à praça XV.” (CABRAL, 1971, p. 66).

Assim sendo, podemos afirmar que a localização da “toca” de Odilon favorecia esses encontros e autorizava, de certa forma, ele a permanecer grande parte do tempo em sua diminuta sala, a qual foi o palco principal daquilo que foi “reconstruído” pela memória de alguns dos depoentes do livro. Esses “memorialistas”, como coloca Delgado (2010), com intuito de se identificar com o leitor, trabalham constantemente com duas categorias inerentes ao ato de recordar, espaço e tempo, de maneira que sua busca pelo passado se relaciona aos espaços onde se deram suas vivências, sejam elas individuais ou coletivas. Algo, que como se verá, é tema dos relatos memoriais a seguir.

“O leão em sua caverna”: mediação e narrativas da memória

Funcionando quase como um epitáfio, a obra dedicada a Odilon Lunardelli carrega consigo o “marco de uma memória”. Nesse sentido, não se pode perder de vista que a edição da obra é feita após o falecimento de Lunardelli, e essa condição faz também pensar sobre aquilo que de maneira literária traz Philip Roth, no livro *Pastoral Americana*, quando o personagem e narrador Nathan Zuckerman reflete sobre a morte de outra personagem e protagonista da trama, Seymour Levov:

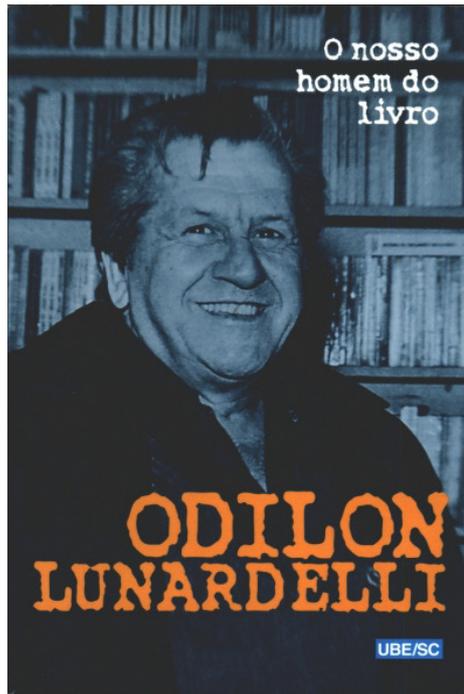
há uma compaixão (...) isso pode acontecer quando as pessoas morrem — a desavença entre elas se extingue e as pessoas tão defeituosas enquanto respiravam e que às vezes se mostravam simplesmente insuportáveis, agora se apresentam de forma mais atraente do mundo e aquilo que nos parecia a coisa mais desagradável do mundo se torna admiração. (ROTH, 1998, p. 76).

A elaboração de *O nosso homem do livro* partiu da iniciativa da *União Brasileira de Escritores – Santa Catarina*, naquele momento presidida por dois escritores que são também depoentes da obra: Alcides Buss (presidente) e Enéas Athanázio (vice-presidente). Logo nas primeiras páginas do livro são expostas as intenções que teriam motivado a sua realização: “A presente obra pretende ser um testemunho inicial sobre esse importante papel que um cidadão catarinense desenvolveu em benefício do livro e da leitura.” (BUSS, 1999, p. 7). O projeto do livro se coloca, então, como um “testemunho inicial”, mas não qualquer testemunho. Os depoimentos compilados na obra têm um tom muito claro de elogio, de engrandecimento da figura pública de Odilon e do legado por ele deixado à disseminação da leitura e dos livros em Santa Catarina. Mesmo quando são trazidas à tona as “imperfeições” do homenageado, elas são colocadas como traços essenciais de sua personalidade e fabricam para Odilon um retrato de livreiro e editor obstinado.

Um outro elemento presente no livro que não pode passar despercebido é a utilização do pronome possessivo “nosso” no título. Lançar mão desse pronome, em vez de, por exemplo, intitular a obra “O homem do livro” ou “O homem do livro em Santa Catarina”, sugere a existência de um sentimento de pertencimento que liga estes personagens entre si, ao estado de Santa Catarina e, ainda em alguns casos, como no depoimento de Urda Alice Klueger, uma ligação afetiva. Desta forma, a *União Brasileira de Escritores – Santa Catarina* parece colocar em relevo as relações editoriais e de sociabilidade fora do eixo Rio – São Paulo e traz a cena a sua visão

sobre esses circuitos catarinenses, colocando Lunardelli no centro dessa engrenagem durante determinado período.

A capa acompanha a imagem de Lunardelli que os organizadores desejavam perpetuar; nela, o “nosso homem do livro”, não surpreendentemente, está cercado por livros e nos observa com um sorriso cordial:



Fonte: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999.

FIGURA 1

Capa de *O nosso homem do livro*

Ao colocarem no papel suas impressões e sentimentos em relação ao *nosso editor* ou ao *nosso amigo* Lunardelli, esses diversos personagens, além de produzirem lembranças que apaziguam a memória, produzem relatos que se ligam também ao pertencimento a determinado grupo ou, nesse caso, à determinada “temporalidade” vivida. Ao perenizarem um discurso memorial sobre aquele que faleceu, eles também deixaram vestígios sobre um “outro tempo”.

Esses diversos depoimentos proporcionam uma viagem pelas teias da memória, pelas vivências cidadinas, pelas relações sociais construídas em certa época e convidam a refletir acerca das lembranças e sensibilidades que na obra são compartilhadas e deliberadamente registradas, de forma a interditar o esquecimento de traços da trajetória de Odilon.

Nos rastros do “homem do livro”: Odilon Lunardelli entre mediação cultural, sociabilidades e memória

É preciso reiterar que a imagem de Odilon tecida é de certa forma romantizada e muitas vezes o idealiza como alguém que amava o livro acima de tudo, que tratava esse objeto impresso como “um filho acalentado” (GHIGGI, 1999, p. 23). Sendo assim, não se deve perder de vista ao problematizar esses depoimentos que, como um empresário, mesmo tendo seus posicionamentos políticos e ideais, Lunardelli precisava ter alguma espécie de lucro. O seu contato com pessoas de diferentes trajetórias e espaços aparenta ser também um eco dessa condição.

Não é o caso de negarmos a importância da sua livraria e editora na difusão do trabalho de autores catarinenses, mas, sim, de pensar um pouco sobre as condições que permitiram o empreendimento de Lunardelli ocupar esse espaço de relevância no estado.

Segundo dados levantados por Ristow (1984, p. 8-9), em 1982 havia cerca de mil editoras em atuação no país, das quais 25% editavam regularmente, o que contabilizaria cerca de 250 editoras com 90% delas localizadas no Eixo Rio-São Paulo. Em Santa Catarina, em 1984, havia quatro distribuidoras e sete editoras. Quatro dessas editoras atuavam regularmente: Editora da UFSC, Editora da Fundação Catarinense de Cultura - FCC, Editora Lunardelli e Editora Noa Noa. As três editoras que não tinham uma atuação regular eram: Editora da Fundação Joinvillense de Cultura (Joinville), Casa Dr. Blumenau (Blumenau) e Editora e Gráfica Ribeiro (Criciúma). Havia também 200 postos de venda registrados no estado (RISTOW, 1984, p. 9). Examinando esses dados, nota-se que o mercado editorial catarinense era bastante restrito (em comparação ao cenário nacional): estava localizado sobretudo na cidade de Florianópolis e tinha apenas duas editoras sem vinculação direta com instituições públicas, pois a Editora da UFSC estava ligada, claro, à UFSC, e a Editora da Fundação Catarinense de Cultura, ao governo estadual.

Em relação à distribuição, também de acordo com Ristow (1984), as principais distribuidoras de Santa Catarina eram a Distribuidora Catarinense e a Distribuidora Lunardelli, as quais mantinham contrato de exclusividade com várias editoras (cerca de quinze), de forma que detinham certo monopólio do comércio do livro no espaço estadual. De acordo com o depoimento do próprio Lunardelli para Ristow, a maioria dos livros que ele distribuía permaneciam em Florianópolis, pois pouca coisa era requerida pelo interior do estado (RISTOW, 1984, p. 12). Nesse

mesmo depoimento, o livreiro revelou que só distribuía os livros catarinenses que eram editados por sua própria livraria.

Outro aspecto relevante dentro desse cenário é a existência da Distribuidora Estudantil, que pertencia ao filho de Odilon, Luiz Lunardelli, e que, junto à Distribuidora Catarinense, era responsável pela disseminação dos livros editados pela FCC. Essa conjuntura, por sua vez, leva a duas questões significativas: a percepção de que o trabalho com os livros era uma “questão de família”, a qual tomava conta de uma cadeia de editoração, produção, venda e distribuição desses bens culturais, e a notável ligação entre estas empresas e as instâncias do poder político, materializada na possibilidade de distribuir as publicações editadas pela FCC, órgão subordinado ao Governo do Estado de Santa Catarina. Acompanhando esta última questão, estão as coedições realizadas pela Editora Lunardelli, que lançou diversos livros em parceria com a Editora da UFSC¹⁰ e com a Fundação Catarinense de Cultura¹¹, por exemplo. Essas coedições aparecem também como sintomáticas da presença “mediadora” de Lunardelli em diversos campos, pois ambas as Editoras da UFSC e da FCC foram fundadas na década de 1980, cerca de mais de uma década depois da emergência da Editora Lunardelli. Infere-se por meio desse quadro que Odilon, em vez de observá-las como concorrentes, resolveu trabalhar em conjunto e lançar mão do financiamento público com vistas a alavancar a produção livreira de sua própria empresa.

Esse espaço de relevância, sobretudo da editora de Lunardelli, é acentuado pelos depoentes, que fazem da memória o substrato de seus depoimentos e indicam que ele seria responsável por um “ressurgimento” da literatura catarinense. Os depoimentos a seguir dão alguns indícios para pensar essa questão:

Atualmente o Estado de Santa Catarina desfruta de uma situação privilegiada tanto no que diz respeito à produção intelectual como na atividade editorial. Dezenas de editoras atuam regularmente, promovendo uma quantidade expressiva de autores e ajudando a difundir a literatura, a ciência, o conhecimento tecnológico e, enfim, o saber em todas as áreas. Com certeza, esta realidade não seria a mesma se não tivesse havido a contribuição fundamental de Lunardelli (BUSS, 1999, p. 7)

e, nessa época [Joinville no início dos anos 1970] começava também, a maratona que levaria aos poucos ao *reconhecimento da existência de uma literatura catarinense* (BUSS, 1999, p. 11).

Claro que não se tratava de um parecer técnico sobre as qualidades metodológicas do trabalho. Ao editor, só importava uma análise

sobre as qualidades estéticas do texto, enquanto *'literatura catarinense'* (SACHET, 1999, p. 31)

A sua pertinência nesse campo foi responsável pelo *ressurgimento de uma literatura catarinense*, especialmente a partir de 1975, com o primeiro encontro estadual de escritores catarinenses (RIBAS JÚNIOR, 1999, p. 73. Grifo nosso)

A questão do “ressurgimento” da literatura atravessa a “forja da glória” de Odilon que é operada ao longo do livro. E, de alguma forma, pode-se inferir também que esses personagens que fornecem seus depoimentos acabam por assumir que fazem parte desse movimento, pois eles, que foram editados por Odilon, eram os autores dessa “literatura catarinense” que ressurgia.

Em contrapartida, foi possível notar, “fora” do livro, narrativas que apontam para visões dissonantes, que se afastam dessa imagem idílica de Odilon propagada na publicação e que estão presentes em alguns relatos documentados no trabalho de Ristow (1984). Entre eles, apresenta-se o posicionamento de Lauro Junkes, intelectual que, anos após esse depoimento fornecido na década de 1980, entre os anos de 2003 e 2010, ocuparia a presidência da Academia Catarinense de Letras:

No que diz respeito à distribuição para o interior do estado, a editora Lunardelli só atende as ‘livrarias’ se elas próprias sentirem a necessidade de ter o livro. Segundo Lunardelli, não adianta mandar o livro sem ter recebido o pedido, porque os “livreiros” não aceitam. Somente aqui em Florianópolis os livros são distribuídos para as “livrarias e ainda a alguns pontos alternativos de venda (...). Essa afirmação é desmentida pelo professor e escritor Lauro Junkes: ‘os livros meus que foram editados pela Lunardelli não saíram da livraria Lunardelli’. Lauro confessa estar bastante frustrado com essa situação e acusa a editora de não ter a “menor preocupação em fazer os livros circularem pelo estado, nem fora dele: ‘Acredito que, no fundo, o problema está na questão do lucro, pois não colocando os livros fora de suas livrarias ele não precisa dar a percentagem que cabe ao livreiro’ (RISTOW, 1984, p. 16).

O posicionamento de Junkes relatado no trabalho de Ristow permite refletir sobre duas questões. Primeiramente, sobre o caráter laudatório da publicação e a tentativa de, possivelmente, reunir somente personagens que pudessem depor de maneira positiva sobre Odilon (Junkes era uma figura de destaque dentro do cenário intelectual catarinense e, ainda assim, não teria sido convidado a participar como depoente no livro, possivelmente por não ser alguém que compartilhava essa perspectiva elogiosa trazida pelo livro). Em segundo lugar, o depoimento acima destacado leva a questionar a tese de que um dos maiores objetivos perseguidos por Odilon era disseminação da literatura catarinense e que esse objetivo estava acima

de qualquer interesse individual, como relata Alcides Buss em *O nosso homem do livro* (1999):

No início dos anos 1980 surgiu a Editora da UFSC. (...) Embora a Lunardelli continuasse sempre a publicar, coube à universidade assumir desde então a liderança da atividade editorial catarinense. Este fato, com certeza, representou uma importante conquista para a sociedade. De alguma maneira, foi uma vitória também para o Odilon, que pautou a sua vida na ideia de fazer prosperar o 'livro catarinense' (BUSS, 1999, p. 14).

Ainda partindo dessa tentativa de monopolização anunciada por Junkes, podem ser agregados outros testemunhos que reiteram essa visão e que foram colhidos por Ristow (1984) a partir de um debate realizado em 13 de dezembro de 1984 na Universidade Federal de Santa Catarina¹².

No debate, os participantes foram convidados a expressar suas visões sobre a situação da distribuição de livros em Santa Catarina naquele momento, bem como foram questionados sobre que outras iniciativas poderiam ser tomadas para que a situação que se apresentava fosse contornada. Marta, uma das participantes, deu seu depoimento afirmando que chegou em Florianópolis com a intenção de trabalhar como livreira, mas que, quando percebeu o monopólio de dois grandes distribuidores (Catarinense e Lunardelli), desistiu de sua ambição (RISTOW, 1984, p. 27).

Já Alcides Buss acreditava “que a presença dos livreiros da cidade no debate ajudaria à [sic] ampliá-lo: ‘Acho que a realização de outro debate, mas aí com a presença da Lunardelli e da Catarinense. É só dizer que a imprensa vem, que aí eles comparecem’” (RISTOW, 1984, p. 45-46). Curiosamente, a declaração de Alcides, finalizada com um comentário malicioso, nada se assemelha às palavras que dedica à Odilon em seu depoimento do final da década de 1990.

No trecho a seguir, a própria autora do trabalho defendido na UFSC, Jossane Ristow, quando orienta suas análises, faz afirmações sobre as dificuldades em incentivar a participação de alguns convidados e inclusive insinua que haveria nos bastidores das negociações editoriais em Santa Catarina temas “sensíveis”, difíceis de serem abordados, e que por isso esses representantes teriam se recusado a tomar parte no debate por ela organizado:

Um fato que prejudicou as discussões foi a ausência de alguns convidados (Editora UFSC, Lunardelli e Distribuidora Catarinense). Apesar de ter feito o que estava ao meu alcance: convites pessoais, carta-convite, cartazes e divulgação pelo jornal e rádios locais. Aliás,

a ausência de alguns era perfeitamente previsível, exatamente por se tratar de um assunto delicado que revela algumas tramas que envolvem a publicação de livros em Florianópolis (RISTOW, 1984, p. 52).

Esses discursos que vão de encontro àqueles propagados pelo livro poderiam ser entendidos como elementos para pensar essas “tramas que envolvem a publicação”. Porém, o que aqui se deseja ressaltar é que eles apontam para o questionamento de uma imagem unívoca de Lunardelli e dão indícios de outros tipos de relação com o livreiro e, até mesmo, de mudança nas relações entre personagens ao longo do tempo, como é o caso de Alcides Buss.

Outra temática presente com certa frequência nos depoimentos foi a qualidade de Odilon como um mediador, mesmo não sendo um “intelectual”, “uma pessoa propriamente letrada”, como se pode visualizar nos excertos abaixo:

Não era uma pessoa propriamente letrada. Mas alimentava o sentimento de que em Santa Catarina havia um potencial a ser reconhecido e mostrado através do livro (BUSS, 1999, p. 12).

Não tinha talentos especialíssimos, nem características chamativas, porém, depois de sua partida, a rua Victor Meirelles não é mais a mesma. Isso vem provar o tamanho de seu vulto, o espaço que ele ocupou e a falta que acarretou (BARRETO, 1999, p. 37).

Milagrosa, também, sua maneira de saber ou de sentir, não sendo um crítico literário, não tendo, pelo que sei, nenhum diploma de curso superior, se o texto de um escrito que o procurasse tinha ou não tinha qualidades que o tornassem digno de ser editado. Para tanto, seu faro era esplêndido (REIS, 1999, p. 63).

Os depoimentos acima destacados parecem operar dois movimentos relevantes para pensar o papel de Odilon como mediador. No primeiro deles, os depoentes aparentemente produzem uma cisão entre eles, os pretensos “verdadeiros” intelectuais e Odilon; no segundo momento, eles o reintegram ao grupo, admitindo que mesmo não tendo qualificações acadêmicas ou intelectuais, o editor e livreiro tinha méritos que deveriam ser ressaltados e celebrados e que, portanto, o legitimavam como pertencente a essa rede de sociabilidade.

Apontamentos finais

Como desfecho, aqui se indica, novamente, que o intuito do artigo não foi dar conta de toda uma época, mas lançar apontamentos acerca de uma história que

ainda pode ser bastante explorada e contribuir com algumas reflexões. Por meio da utilização da noção de intelectual mediador, buscou-se valorizar a atuação de pessoas que estão muitas vezes nos bastidores da produção cultural. Já através da ideia da sociabilidade, objetivou-se pôr em destaque a história da vida cotidiana (AGULHON, 1992, p. 7). Especificamente em relação à noção de sociabilidade, atentou-se para a possibilidade de abrir caminhos para a compreensão das diferentes maneiras com que as pessoas se relacionam e das expressões e manifestações mais ou menos formalizadas da vida em sociedade, de acordo com o espaço e a época nas quais elas se desenvolvem.

Ainda, a título de conclusão, traz-se à cena novamente a casa pertencente a Odilon, objeto de notícia abordada anteriormente. Em primeiro lugar, pode-se entender que ela é uma reverberação do acúmulo de posses que as atividades de livreiro e editor proporcionaram a Lunardelli — que podia ser considerado um empresário “bem-sucedido” —, sobretudo por ter sido um imóvel de grande dimensão e que estava localizado em um bairro valorizado dentro do espaço da cidade de Florianópolis. Entretanto, ela parece ser também um sintoma da ausência desse mediador. No processo que se desdobrou após sua morte em 1997, primeiro “desaparecem” do espaço da cidade a livraria e editora em 2007, mesmo tendo sido deixada como legado familiar. Depois, é a vez do imóvel que pertenceu à família, que em 2020 “vai abaixo” (e no futuro abrigará um novo edifício que nada se assemelha à antiga construção). E é nesse desenrolar que vai sendo produzido um lento apagamento dessa memória.

A presença física de Odilon já não é mais sentida, e a presença física das testemunhas dessa trajetória da mesma forma começa a empalidecer, já que alguns depoentes do livro também já faleceram. Sua livraria, sua “caverna”, sua editora e sua casa também já não existem. Em relação à casa, nem mesmo seus destroços resistiram ao tempo. Por ora, persistem os “recortes de memória” que atestam sua existência passada; contudo, mesmo eles um dia podem desaparecer, “tijolinho por tijolinho”, acompanhando a dinâmica do tempo e também a vontade humana, que no passado ditou os usos e o destino do imóvel. De morada, a casa se transformou em Clínica Médica e, por fim, em ruína, até que a demolição sacramentasse seu fim. No momento, o que permanecem são as lembranças que, tal qual pequenos tijolos quebrados na caçamba, se colocam como os resíduos do ato de lembrar. Recordar “um lugar desaparecido do cenário urbano”, nos diz Delgado (2010, p. 121), “mais do que a reativar a memória é reviver experiências passadas (...), [é] desencadear

sentimentos nostálgicos gerados pela ausência do que, outrora, integrava (...) a paisagem da cidade”.

Sendo assim, viu-se que os depoimentos aqui reunidos como fontes falam de uma paisagem que não existe mais, falam da ausência do “nosso homem do livro”; no entanto, eles também permitem pensar sobre uma história do livro e dos intelectuais em Santa Catarina. Ao lançar um olhar crítico sobre os depoimentos acerca de Odilon Lunardelli e do empreendimento que ele administrava, não se desejou negar a importância de sua atuação no estado, pois a existência desse livro reunindo tantos personagens da intelectualidade catarinense é por si só um indício do prestígio que ele tinha neste campo. Porém, parafraseando o historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior (1994), às vezes é preciso “violentar” a memória para gerir a história.

NOTAS

1. Obra publicada pela Editora da UFSC em 2008 e nomeada *Uma ilha de leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*.
2. Intitulada *Sob os auspícios da Livraria Rosa: redutos literários e circulação da cultura letrada em Florianópolis*, a dissertação de mestrado foi defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
3. A tese foi defendida em 2014 Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e denomina-se *Armazém da província: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na primeira república*.
4. A livraria e a editora tiveram suas atividades encerradas no momento que era administrada pelos herdeiros do livreiro.
5. Como aponta o trabalho de conclusão de curso de Jossane Ristow, aqui já mencionado, na década de 80, as quatro editoras que atuavam regularmente no estado tinham sua sede localizada na capital, Florianópolis (RISTOW, 1999, p. 9).
6. Sancionada em 18 de dezembro de 1960, a Lei nº 3.849 federalizava a Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN) e criava a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
7. Junta-se a essas unidades a antiga Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ), criada ainda em 1956.
8. De acordo com Pascal Ory e Jean-François Sirinelli (2002) é possível associar a emergência do termo “intelectual” ao contexto político da França em fins do século XIX e início do século XX, quando o denominado *Affaire Dreyfus* se desenrolava na arena jurídica e política do país. Porém, ao longo do século XX, diversos teóricos lançaram mão do conceito. Como exemplos das diversas perspectivas desenvolvidas ao longo desse século, pode-se destacar: ARON (1980); BENDA (2007); BOBBIO (1997); GRAMSCI (2000); JUDT (2007); LÖWY (1979). No âmbito da disciplina histórica, a partir de um processo de renovação da história política e de “dessacralização do conceito”, foi na década de 1970 e 1980 e sobretudo a partir dos trabalhos de Sirinelli (2003) que ela adentrou com maior intensidade o repertório dos historiadores.

9. Aqui a análise se restringiu a pensar na produção de impressos no formato de livro. Necessário salientar que enquanto esteve a frente do jornal semanal *A Ponte*, periódico também editado por sua empresa, Odilon Lunardelli ocasionalmente atuou como escritor.
10. Com uma breve pesquisa nos catálogos das Bibliotecas Universitárias da UFSC e da UDESC, é possível localizar títulos editados a partir da parceria entre Editora da UFSC e Editora Lunardelli, como: VAHL, Teodoro Rogério. *O acesso ao ensino superior no Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1980; PEREIRA, Moacir. *Imprensa: um caminho para a liberdade*. Florianópolis: Ed. UFSC, Lunardelli, 1980; SILVEIRA, Luiz Alberto; SILVEIRA, Mariette Van de Sande. *Câncer: o que você precisa saber*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1987; REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: narrativa cultural tetrarracial*. Florianópolis: Lunardelli, Ed. da UFSC, 1988; CORREA, Carlos Humberto P. *Militares e civis num governo sem rumo: o governo provisório revolucionário de Desterro 1893-1894*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1990; MIGUEL, Salim; SOARES, Iaponan. *Holdemar Menezes: literatura e resistência*. Florianópolis: Lunardelli; Ed. da UFSC, 1992.
11. E também títulos da parceria entre a FCC e a Editora Lunardelli: PEREIRA, Francisco Jose. *As duas mortes de Crispim Mira: (novela)*. Florianópolis: FCC; Lunardelli, 1992; PEREIRA, Moacir. *Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC; Lunardelli, 1992; PASSAMAI, Marcelo. *Faca cega*. Florianópolis: Lunardelli; FCC, 1993; PÍTSICA, Paschoal Apostolo. *A capitania de Santa Catarina: alguns momentos*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Lunardelli; FCC, 1993; PEREIRA, Francisco José. *Desterro de meus amores*. Florianópolis: Lunardelli; FCC, 1993.
12. O debate foi realizado a partir da iniciativa de Jossane Ristow e tinha como objetivo “levantar a questão do livro em Santa Catarina” (RISTOW, 1984, p. 24) para que tal discussão posteriormente fosse integrada ao seu Trabalho de Conclusão de Curso. Estiveram presentes no evento Alcides Buss, Hamilton Alexandre, Alírio Ebehart, Théo Last, Marta Martins Silva, Cléber Teixeira, Walter Costa e a aluna Jossane Ristow, bem como seu orientador, José Gatti.

REFERÊNCIAS

- AGULHON, Maurice. La sociabilidad como categoría histórica. In: PEREIRA, Teresa (org.) *Formas de sociabilidad en Chile 1840-1940*. Santiago: Fundação Mario Góngora, 1992, p. 1-10.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. Violar as memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. *Clio*, Recife, v. 15, n. 1, p. 39-52, 1994.
- ALVES, Márcio Miranda. Triste fim de uma livraria. *Frente em Defesa da Cultura Catarinense*, Florianópolis, 17 fev. 2007. Disponível em <http://frntedaculturasc.blogspot.com/2007/02/triste-fim-de-uma-livraria.html> Acesso em: 17 jan. 2021.
- ARON, Raymond. *O ópio dos intelectuais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- ATHANÁSIO, Enéas. O leão em sua caverna. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 31-36.
- BARRETO, Cyro. Tributo a Odilon Lunardelli. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 37-44.

- BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: P. Neto, 2007.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- BUSS, Alcides. Papel pioneiro. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 7-8.
- BUSS, Alcides. Dificuldades, autores e livros. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 11-16.
- CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: notícia. Florianópolis: [s.n.], 1971.
- CORADINI, Lisabete. *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.
- CARDOZO, Flávio José. Se estavas tão bem ali. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 45-46.
- CASA histórica não resiste ao crescimento imobiliário de Coqueiros. *Folha de Coqueiros*, 4. jan. 2020. Disponível em: <http://www.folhadecoqueiros.com.br/noticias/memoria/detalhe.aspx?id=76759> Acesso em: 3 nov. 2020.
- DELGADO, Lucília de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GHIGGI, Claiton. “Seu Odilon” – meu irmão, meu amigo. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro*: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 21-26.
- GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.
- GRAMSCI, Antonio. Caderno 12. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.13-53.
- IBGE. Estatísticas Históricas do Brasil: Séries Econômicas, Demográficas e Sociais de 1550 a 1988 Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv21431.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- JORNALISTA Moacir Pereira é o convidado do Círculo de Leitura de Florianópolis. *Notícias da UFSC*, 27 jun. 2011. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2011/06/jornalista-moacir-pereira-e-o-convidado-do-circulo-de-leitura-de-florianopolis/> Acesso em: 2 dez. 2020.
- JUDT, Tony. *Passado imperfeito: um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Artífices do futuro: cultura política e a invenção do tempo presente de Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2016.
- LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Lech, 1979.

MIGUEL, Salim. Um livreiro singular. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 67-70.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Perrin, 2002.

PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999.

REIS, Marcos Konder. Odilon Lunardelli e seus milagres. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 61-64.

RIBAS JÚNIOR, Salomão. Um adorável teimoso. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 71-74.

RISTOW, Jossane. *A distribuição de não periódicos em Santa Catarina*. Florianópolis, 1984. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina.

ROTH, Philip. *Pastoral americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SACHET, Celestino. Editor-autor. In: PEREIRA, Francisco José. *O nosso homem do livro: Odilon Lunardelli*. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - SC, 1999, p. 27-32.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p.231-269.

SUGAI, Maria Inês. *As intervenções viárias e a transformação do espaço urbano: a via de contorno norte-ilha*. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo.

Karla Simone Willemann Schütz é Doutora, Mestra, Bacharela e Licenciada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Como citar:

SCHÜTZ, Karla Simone Willemann. Nos rastros do “homem do livro”: Odilon Lunardelli entre mediação cultural, sociabilidades e memória. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 269-290, jan./jun. 2021. Disponível em: pem.assis.unesp.br.